



3 PILARES

DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

CENÁRIO ECONÔMICO

2018 A 2020



O triênio 2018 - 2020 foi caracterizado por relevantes limitadores do crescimento econômico, que tiveram impacto significativo na vida dos brasileiros.

Em maio de 2018 houve a greve dos caminhoneiros que, praticamente, paralisou o país e prejudicou o escoamento de matérias primas, insumos e produtos finais nas cadeias produtivas.

Em janeiro de 2019, o rompimento da barragem de Brumadinho, em Minas Gerais, foi trágico episódio que trouxe foco sobre a atividade de mineração. A Agência Nacional de Mineração passou a exigir a Declaração de Condição de Estabilidade e, muitas minas e barragens/reservatórios tiveram suas operações interrompidas ou reduzidas, até que pudessem atender às novas exigências, o que trouxe incertezas em relação ao suprimento de minério de ferro.

Em 2020, a pandemia do COVID-19 chegou ao Brasil. As medidas de distanciamento social, essenciais para reduzir o espalhamento da doença, resultaram, nos meses de março e abril de 2020, em expressiva queda da demanda por produtos e serviços, assim como a paralisação de unidades de produção.

Os episódios de 2018 e 2019 trouxeram desequilíbrios temporários e de menor monta na economia brasileira. Os indicadores macroeconômicos não mostraram deterioração relevante, pois a economia cresceu 1,8% e 1,4% (CNT/IBGE), respectivamente. Porém, os efeitos da pandemia do COVID-19 foram mais intensos e ocorreram em, praticamente, todos os setores econômicos.

Os impactos negativos da pandemia na atividade econômica fez o PIB recuar 2,2% e 9,2%, respectivamente, no primeiro e segundo trimestres do ano, na comparação com os trimestres anteriores. Todavia, a recuperação da economia também ocorreu de forma mais rápida do que a prevista. Esse movimento resultou no crescimento do PIB em 7,8% no terceiro trimestre e 3,2% no quarto trimestre do ano, quando comparados com os respectivos trimestres anteriores.

A conjugação de forte queda da atividade econômica na primeira metade do ano, com sua retomada no segundo semestre resultou no recuo de 4,1% do PIB brasileiro em 2020, comparativamente ao registrado no ano anterior.

O cenário de recuperação da economia foi um fenômeno mundial e trouxe um boom nos preços internacionais de commodities, o que pressionou os custos de produção. No caso brasileiro, a inflação no atacado, medida pelo IPA-DI (FGV), ficou em 31,7% no ano. Parte da pressão de custos foi absorvida pelo setor produtivo, pela dificuldade de repasse de preços ao consumidor, deixando a inflação medida pelo IPCA (IBGE) em 4,5%.

Portanto, a economia brasileira no último ano do triênio 2018 - 2020 retrocedeu os ganhos dos dois anos anteriores, com perda da produção, aumento do desemprego e da inflação em um cenário com deterioração da situação fiscal.

A indústria brasileira precisa operar com isonomia competitiva frente aos seus competidores no mercado externo e interno (com os importados) e interromper a trajetória de redução de sua participação no PIB. A redução do Custo Brasil é fator crucial para o desenvolvimento econômico sustentado.

A indústria do aço - 2018 - 2020

A indústria do aço mostrou resiliência no triênio 2018 - 2020. O setor passou por desafios, como dificuldades no recebimento de matérias primas e gargalos no escoamento de seus produtos finais em 2018 e 2019; e aumento do preço de matérias primas e insumos em um cenário de desequilíbrio entre demanda e oferta do mercado, em 2020.

Em maio de 2018, a greve dos caminhoneiros trouxe impactos instantâneos no escoamento de matérias primas e produtos finais em toda a cadeia produtiva. No caso da indústria do aço, os impactos negativos foram percebidos nos indicadores de maio, quando a produção de aço bruto recuou 9,0% frente ao mês anterior. Esta queda foi quase totalmente revertida em junho. O problema de escoamento dos produtos finais foi captado com mais intensidade nas vendas internas do setor produtor de aço. Este indicador recuou 23,1% em maio, frente a abril com rápida recuperação em junho (+53,3% frente a maio).

Mesmo com os problemas causados pela greve dos caminhoneiros, a produção de aço bruto cresceu 1,8% em 2018 e atingiu 35,4 milhões de toneladas. As vendas internas aumentaram 9,7%, para 18,9 milhões de toneladas. O consumo aparente de produtos siderúrgicos avançou 8,6% no mesmo ano, para 21,2 milhões de toneladas. Já as exportações recuaram 9,2% (13,9 milhões de toneladas) e as importações aumentaram 3,3% (2,4 milhões de toneladas) no mesmo período.

Em 2019, logo ao início do ano (25 de janeiro), houve o rompimento da barragem de Brumadinho, em Minas Gerais, e, em seguida, suspensão das atividades de outras minas da Vale. Tal situação gerou dificuldades no fornecimento de minério de ferro para as usinas siderúrgicas. Já em fevereiro desse ano, a produção de aço bruto recuou 9,1% na comparação com o mês anterior. Apesar da recuperação nos meses de março (+4,8%) e abril (+3,2%), na mesma base de comparação, tal movimento não se sustentou, resultando em um recuo de 8,0% na produção em 2019, para 32,6 milhões de toneladas.

As vendas internas foram menos impactadas, uma vez que o escoamento dos produtos siderúrgicos se manteve normalizado. Este indicador cresceu 5,3% em fevereiro e 9,6% em março de 2019. No entanto, com a posterior desaceleração econômica em curso, as vendas internas fecharam o ano com queda de 0,6% (para 18,8 milhões de toneladas), enquanto que o consumo aparente caiu 1,1% (para 21,0 milhões de toneladas). As exportações continuaram recuando em ritmo semelhante ao de 2018 (caíram 8,2%, para 12,8 milhões de toneladas). Já as importações caíram 1,7% (para 2,4 milhões de toneladas) no mesmo período.

No ano de 2020, logo nos primeiros sinais de espalhamento da doença no país, em março e abril desse ano, começaram a ocorrer cancelamento e queda de pedidos dos segmentos consumidores de aço. As vendas internas recuaram 34,4% em abril frente ao mês anterior.

A prioridade das empresas de todos os setores nesse período foi preservar seus respectivos caixas e, conseqüentemente, não fizeram pedidos e consumiram seus estoques. A redução da atividade econômica se deu de tal forma que a indústria do aço teve que desligar oito dos 31 altos fornos e 13 das 35 aciarias. A produção recuou 29,1% em abril na comparação com o mês anterior.

Entretanto, a inesperada recuperação da economia em formato de 'V' aqueceu as vendas internas da indústria do aço. Estas, em junho, já ultrapassaram os volumes registrados antes da pandemia, em fevereiro do mesmo ano. Este indicador manteve a trajetória de crescimento e mais do que recuperou a queda de abril, registrando expansão de 3,5% em 2020 (19,5 milhões). Nesse período de recuperação, a indústria do aço religou os altos-fornos e aciarias que haviam sido temporariamente desligadas nos meses iniciais da pandemia.

Desde a eclosão do COVID-19 no país, as empresas brasileiras produtoras de aço deram total prioridade ao abastecimento do mercado interno em detrimento das exportações. Estas recuaram 17,7%, atingindo 10,5 milhões de toneladas. Assim, o aumento de 2,3% do consumo aparente em 2020 (para 21,4 milhões de toneladas) se deu pela expansão de 3,5% das vendas internas (para 19,5 milhões de toneladas), uma vez que as importações caíram 13,9% no mesmo período, para 2,0 milhões de toneladas.

O cenário de diferentes crises no triênio 2018-2020 trouxe impactos distintos nas variáveis de atividade da indústria do aço. A produção recuou em 2019 e em 2020, voltando ao patamar apurado em 2016, ano de recessão econômica. As vendas internas cresceram em 2018 e em 2020 e alcançaram o maior nível desde 2014. O consumo aparente também atingiu o maior nível desde 2014. No comércio internacional, as exportações caíram ao longo do triênio para o menor patamar desde 2014. As importações recuaram em 2019 e

A indústria brasileira do aço - 2005/2020

